

Entre contenção e transgressão: uma leitura sobre as
experiências femininas no romance *A Vida Invisível* de Eurídice
Gusmão (2016) /

*Between restraint and transgression: An interpretation of
women's experiences in the novel 'A Vida Invisível' de Eurídice
Gusmão (2016)*

Maria Clara Menezes Andrade*

Graduanda em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Voluntária de Iniciação Científica pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Voluntária (PIBIVOL/UFS/COPEs). Bolsista e participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFS/CAPEs – Letras Espanhol) desde 2024.



<https://orcid.org/0009-0002-8741-4435>

Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz**

Possui graduação em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo - pela Universidade Federal de Pernambuco (1998); mestrado em Letras - Teoria da Literatura - pela Universidade Federal de Pernambuco (2002); doutorado em Letras - Teoria da Literatura - pela Universidade Federal de Pernambuco (2007); Pós-Doutorado- pela Universidade do Algarve - UALG/Portugal (2015). Professor Associado de Teoria da Literatura, Crítica Literária e Laboratório de Crítica no Departamento de Letras Vernáculas e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema da Universidade Federal de Sergipe.



<https://orcid.org/0000-0003-1449-3507>

Recebido em 31 mar. 2026. **Aprovado** em: 20 jul. 2026.

Como citar este artigo:

ANDRADE, Maria Clara Menezes; QUEIROZ, Carlos Eduardo Japiassú de. Entre contenção e transgressão: uma leitura sobre as experiências femininas no romance *A Vida Invisível* de Eurídice Gusmão (2016). *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 15, n. 2, e7497, set. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.22542795.

*



mariac280@academico.ufs.br

**



cejapiassu@academico.ufs.br

RESUMO

Este artigo analisa o romance *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha, buscando compreender como a experiência feminina é atravessada por dinâmicas de regulação, contenção e invisibilização. A partir de uma leitura orientada pelo gênero melodrama, o trabalho investiga como conflitos vividos no âmbito privado se relacionam a estruturas sociais mais amplas, especialmente no que diz respeito às normas de gênero, à sexualidade e às expectativas em torno do casamento e da maternidade. A análise das trajetórias de Eurídice e Guida evidencia dois modos distintos de experiência feminina. Enquanto Eurídice vivencia um processo gradual de adaptação e silenciamento, marcado pela contenção dos desejos e pela interiorização das normas sociais, Guida representa a transgressão dessas expectativas, sendo, por isso, submetida a processos de exclusão e precarização. Com base em contribuições dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, o artigo discute como o corpo feminino se configura como espaço de inscrição de práticas de controle e disciplinamento, evidenciando que a invisibilidade não se limita à ausência de reconhecimento, mas resulta de diferentes formas de regulação social.

PALAVRAS-CHAVE: *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*; Melodrama; Experiência Feminina; Invisibilidade.

ABSTRACT

This article analyzes Martha Batalha's novel *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016), seeking to understand how the female experience is shaped by dynamics of regulation, containment, and invisibilization. Through a reading informed by the melodrama genre, this study investigates how conflicts experienced in the private sphere relate to broader social structures, particularly with regard to gender norms, sexuality, and expectations surrounding marriage and motherhood. The analysis of Eurídice and Guida's trajectories highlights two distinct modes of female experience. While Eurídice undergoes a gradual process of adaptation and silencing, marked by the containment of desires and the internalization of social norms, Guida represents the transgression of these expectations and is, therefore, subjected to processes of exclusion and precariousness. Drawing on contributions from Gender Studies and Cultural Studies, the article discusses how the female body is configured as a space for the inscription of practices of control and discipline, highlighting that invisibility is not limited to a lack of recognition but results from different forms of social regulation.

KEYWORDS: *The Invisible Life of Eurídice Gusmão*; Melodrama; Female Experience; Invisibility.

1 Introdução

Este artigo propõe uma análise do romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha, com o objetivo de investigar de que modo a narrativa tensiona normas de gênero, sexualidade e corporalidade na configuração da experiência feminina. Parte-se do pressuposto de que o corpo da mulher, longe de constituir uma dimensão meramente biológica, configura-se como um espaço privilegiado de inscrição de disputas simbólicas, no qual se entrelaçam expectativas sociais, prescrições morais e práticas de silenciamento que incidem diretamente sobre a produção das subjetividades. Nesse sentido, mais do que representar tais dinâmicas, o romance as expõe em sua dimensão cotidiana, evidenciando as fricções entre autonomia e regulação que atravessam a experiência das personagens.

No âmbito da produção literária latino-americana dos séculos XX e XXI, observa-se a recorrência de narrativas que tematizam processos de contenção dos desejos femininos, frequentemente articulados a instituições como a família, o casamento e a maternidade. Esses

espaços, longe de se restringirem ao domínio do privado, operam como dispositivos de normatização responsáveis por delimitar formas legítimas de existência e por excluir práticas que escapam aos 3parâmetros hegemônicos. Nesse ponto, a obra de Batalha se torna significativa ao evidenciar como tais dispositivos atuam de maneira difusa e reiterada, naturalizando hierarquias de gênero e restringindo possibilidades de agência.

Ainda assim, o romance não se limita a reiterar essas formas de regulação. Ao dar visibilidade a experiências que tensionam as expectativas sociais, a narrativa explicita também as fissuras que atravessam esses sistemas normativos. As trajetórias das irmãs Eurídice e Guida, nesse sentido, não devem ser lidas como opostas, mas como modos distintos e igualmente atravessados por limitações de negociação com estruturas que as precedem. Se, por um lado, Eurídice investe na conformação aos papéis que lhe são atribuídos, por outro, Guida encarna uma experiência que desafia tais prescrições, ainda que esse deslocamento implique formas específicas de exclusão. O romance, assim, não estabelece uma oposição simplista entre submissão e resistência, mas evidencia a complexidade dessas posições no interior da vida social.

Delineia-se, portanto, um quadro no qual projetos individuais são continuamente tensionados por exigências de domesticidade, conjugalidade e maternidade, revelando o caráter estruturante dessas normas na organização da experiência feminina. Tais dinâmicas articulam-se a formações discursivas mais amplas que regulam os corpos e produzem distinções entre o aceitável e o desviante. Nessa perspectiva, o corpo feminino assume centralidade analítica enquanto superfície de inscrição desses mecanismos, conforme sugerem Butler e Foucault. Mais do que evidenciar processos de disciplinamento visíveis na contenção dos desejos, na naturalização de papéis sociais e na desqualificação de práticas dissidentes, a narrativa também permite entrever formas de agência que, embora situadas e limitadas, não deixam de operar como deslocamentos no interior dessas estruturas.

Para a compreensão dessas dinâmicas, a mobilização do melodrama¹ como chave interpretativa revela-se, nesse contexto, particularmente produtiva. Ao enfatizar conflitos morais e afetivos inscritos na esfera privada, o gênero não apenas dramatiza experiências individuais,

¹ O melodrama surge na França como uma consequência posterior à Revolução e ao enlace de outros gêneros tradicionais da arte, marcada com a peça *Coelina* ou a Filha do Mistério, autoral por René Charles Guilbert de Pixérécourt. O gênero configura-se como um instrumento essencial para compreender narrativas que revelam conflitos tanto individuais quanto sociais, especialmente aqueles relacionados à construção da identidade feminina em contextos permeados por normas rígidas e relações de poder.

mas as reinscreve em uma lógica social mais ampla na qual valores como culpa, sacrifício e vigilância desempenham papel central na regulação da experiência feminina.

Nesse sentido, o romance de Martha Batalha mobiliza estratégias melodramáticas não como mera convenção estética, mas como forma de intensificar a visibilidade dessas tensões. A partir dessa perspectiva, este trabalho desenvolve uma análise teórico-crítica que busca compreender como o corpo feminino é configurado como lugar de inscrição dessas dinâmicas, articulando contribuições dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais. Ao fazê-lo, pretende-se evidenciar que os processos de invisibilização e silenciamento não operam de maneira absoluta, sendo constantemente atravessados por fissuras que permitem a emergência de outras formas de existência, ainda que precárias e contingentes.

2 Melodrama e legibilidade das tensões sociais

A associação do melodrama, neste trabalho, ultrapassa sua compreensão como categoria estritamente estética e passa a operar como chave interpretativa capaz de evidenciar as tensões que atravessam a experiência feminina. Ao privilegiar conflitos inscritos na esfera privada, esse modo narrativo torna legíveis dinâmicas sociais mais amplas, permitindo compreender como relações familiares, normas morais e expectativas coletivas incidem diretamente sobre a constituição das personagens. O gênero, nesse sentido, não apenas organiza a narrativa, mas torna perceptíveis mecanismos de regulação que operam de forma difusa no cotidiano, especialmente na produção das subjetividades.

Nesse contexto, o corpo feminino assume centralidade analítica ao se configurar como espaço privilegiado de inscrição dessas tensões. É por meio da corporalidade que se tornam visíveis processos de controle e disciplinamento, revelando como valores sociais e normas culturais atravessam os modos de existência das mulheres. A leitura melodramática permite, assim, compreender que conflitos individuais não se esgotam no âmbito privado, mas remetem a estruturas sociais mais amplas, nas quais sofrimento, contenção dos desejos e punição simbólica se articulam a relações de poder historicamente constituídas.

Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Foucault, para quem o corpo constitui um dos principais alvos das práticas de disciplinamento, visto que, para o filósofo “o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe”

(Foucault, 2014, p. 135). Aprender a comportar-se, movimentar-se e agir de maneira precisa envolve um processo contínuo de adestramento, no qual gestos, afetos e condutas são produzidos por técnicas de sujeição. Nesse processo, o corpo torna-se simultaneamente útil e dócil, na medida em que os comportamentos passam a ser moldados por normas socialmente instituídas. Tal compreensão permite ler a corporalidade feminina como espaço privilegiado de incidência dessas práticas, evidenciando a forma como expectativas sociais e valores morais estruturam a experiência das personagens.

Nessa mesma direção, Jean-Marie Thomasseau compreende o melodrama como um modo narrativo marcado pela intensificação de conflitos morais e pela representação de situações atravessadas por injustiças, nas quais o drama individual adquire alcance social mais amplo (Thomasseau, 2005, p. 19). As trajetórias das personagens, nesse quadro, deixam de ser compreendidas como experiências isoladas e passam a evidenciar condicionamentos históricos que incidem sobre os modos de existência dos sujeitos. Essa configuração permite observar como valores coletivos e hierarquias sociais são incorporados às vivências individuais, tornando perceptíveis mecanismos de controle que frequentemente operam de maneira silenciosa nas relações cotidianas.

Essa leitura articula-se, ainda, às discussões sobre a gênese do melodrama no contexto das transformações da modernidade. Com o deslocamento da tragédia do universo heroico para o cotidiano, o sofrimento deixa de ser atributo de figuras excepcionais e passa a ser vivido por sujeitos comuns, cujas experiências refletem tensões sociais mais amplas.

[...] o melodrama seria a tragédia que a civilização mecanicista emergente ensinou produzir, ou então, a composição adequada ao horizonte que a revolução burguesa constituiu, tanto da perspectiva artística quanto ideológica. Por isso mesmo, sua carreira não permanece restrita ao romantismo, mas vem a ultrapassá-lo em larga medida (Huppés, 2000, p. 10).

Como observa Huppés, o melodrama pode ser compreendido como uma forma narrativa adequada ao cenário da modernidade burguesa, ultrapassando os limites do romantismo e consolidando-se como um modo de representação contínuo. Nesse contexto, o gênero passa a privilegiar experiências cotidianas nas quais conflitos morais e sociais se manifestam por meio das relações familiares e afetivas. A ruptura com expectativas socialmente estabelecidas tende a desencadear formas de punição simbólica, reforçando a associação entre moralidade e regulação do comportamento. Essas dinâmicas tornam-se particularmente evidentes quando

relacionadas à sexualidade, ao casamento e à maternidade, elementos que estruturam, de modo recorrente, as trajetórias femininas.

O espaço doméstico assume, assim, um papel decisivo. Frequentemente associado à estabilidade e ao pertencimento, revela-se também como território de controle e normatização, no qual se articulam afetos, valores e mecanismos de disciplinamento. As relações familiares passam a operar como instâncias reguladoras da experiência feminina, reiterando expectativas e delimitando possibilidades de atuação. Ao enfatizar essas experiências, o melodrama torna visíveis formas de violência simbólica que atravessam o cotidiano, deslocando para o plano narrativo conflitos que, no âmbito social, tendem a se tornar naturais.

3 Corpo, poder e produção da subjetividade feminina

No romance *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, a construção da experiência feminina articula-se por meio de estratégias que evidenciam formas sutis e progressivas de silenciamento. A narrativa privilegia a dimensão ordinária do cotidiano, destacando a repetição de gestos, a organização da vida doméstica e a acumulação de frustrações. A invisibilidade, nesse contexto, não se apresenta como evento pontual, mas como processo gradual sustentado por práticas reiteradas que se naturalizam ao longo do tempo. A atenção aos detalhes da vida diária permite observar que a contenção das personagens se estabelece por meio de pequenas adequações e renúncias sucessivas. A limitação das possibilidades individuais não ocorre de forma abrupta, mas se consolida progressivamente, acompanhando a reorganização das expectativas e a adaptação às exigências familiares.

E Eurídice, que nunca tinha visto a vida além daquela casa e daquele bairro, ou da casa e do bairro dos pais, achou que o marido tinha razão. Antenor sabia das coisas. Ele estudou contabilidade, era funcionário do Banco do Brasil e discutia política com outros homens. (...) Visão quem tinha era Antenor – uma visão definida por tudo aquilo que ele via pelo bonde no trajeto até o trabalho. Mas mesmo essa visão de Antenor era maior do que qualquer outra que pudesse vir de Eurídice, que só via as paredes da casa, as barracas da feira, os grãos do armazém e o imenso vazio que a incomodava (Batalha, 2016, p. 32).

Ao privilegiar a interioridade das personagens, o romance evidencia o conflito entre desejo e norma, tornando perceptível um processo contínuo de ajuste que marca a experiência

feminina. No caso de Eurídice, esse movimento se manifesta na interrupção recorrente de seus projetos e na subordinação de suas aspirações às demandas da vida doméstica. A contenção não se impõe por proibições diretas, mas por uma sucessão de concessões que, acumuladas, delimitam suas possibilidades de atuação. A repetição das tarefas, a ausência de reconhecimento e a necessidade constante de adaptação produzem uma trajetória marcada pela renúncia, na qual o silêncio assume função estruturante.

As relações familiares desempenham papel central nesse processo ao funcionarem como instâncias de regulação. O espaço doméstico deixa de ser apenas lugar de pertencimento e passa a operar como território de vigilância, no qual a organização do tempo cotidiano contribui para a diluição dos projetos individuais. A rotina, marcada pela repetição e previsibilidade, atua como mecanismo de contenção da experiência feminina. Nesse cenário, o corpo emerge como superfície de inscrição dessas dinâmicas. A contenção dos gestos, a repressão dos desejos e a adequação a papéis socialmente definidos evidenciam como a corporalidade é atravessada por normas que regulam comportamentos e afetos. Trata-se de um processo que se efetiva pela incorporação de valores, tornando o corpo simultaneamente espaço de expressão e limitação.

A dimensão afetiva também se insere nesse quadro. Os desejos de Eurídice são constantemente redirecionados, de modo que suas aspirações não encontram condições de realização. A frustração, nesse sentido, resulta de uma acumulação de renúncias que produzem um sentimento de deslocamento. Essa dinâmica aproxima-se das reflexões de Simone de Beauvoir, ao evidenciar como a experiência feminina é atravessada pela interiorização de papéis sociais que restringem a autonomia (Beauvoir, 1980^a, p. 10). A adaptação cinematográfica dirigida por Karim Ainouz amplia essas questões ao deslocar a experiência feminina para o plano sensorial. Enquanto o livro privilegia a interioridade, o filme materializa essas tensões por meio dos corpos, dos silêncios e da composição dos espaços, intensificando a percepção da contenção.

4 Eurídice e a interiorização da norma

No romance de Martha Batalha, a trajetória de Eurídice evidencia a construção gradual de uma experiência marcada pela contenção dos desejos e pela internalização de expectativas sociais. Desde o início, a personagem é apresentada como dotada de curiosidade intelectual e

múltiplos interesses, visto que “Se lhe dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela escreveria clássicos” (Batalha, 2016, p. 11), o que revela uma disposição criativa que se manifesta em diferentes iniciativas.

No entanto, essa potencialidade é progressivamente tensionada pelas exigências da vida doméstica e pelas normas que orientam sua atuação enquanto esposa e mãe. Desse modo, a transformação da personagem não ocorre de forma abrupta, mas por meio de pequenas renúncias cotidianas que, acumuladas ao longo do tempo, produzem uma reorganização de suas expectativas e de sua própria subjetividade. Nesse contexto, a repetição das tarefas domésticas, a expectativa de dedicação integral à família e a ausência de reconhecimento de suas iniciativas contribuem para a construção de uma dinâmica na qual seus projetos pessoais passam a ocupar um lugar secundário.

Eurídice poderia ter um programa culinário na rádio, poderia assinar uma página no Jornal das Moças! Poderia abrir um curso de forno e fogão para mocinhas recém-casadas. Seus olhos grandes ficaram maiores. Era possível, só precisava falar com Antenor. Sim, só precisava falar com o marido. Os olhos diminuíram. Bebeu dois goles da cachaça antes de servir a cuia ao peru (Batalha, 2016, p. 31).

A recorrência dessa dinâmica ao longo do romance confere à passagem um caráter emblemático. Sempre que Eurídice projeta novas possibilidades para si, a figura de Antenor reaparece como referência a partir da qual essas possibilidades passam a ser avaliadas. Ainda que sua presença nem sempre se manifeste por meio de uma proibição direta, seus olhares e sua perspectiva ocupam um lugar privilegiado na organização da experiência da personagem, fazendo com que seus próprios desejos sejam continuamente confrontados com aquilo que imagina ser esperado pelo marido. Como observa Nancy Fraser, a família e o trabalho doméstico constituem dimensões políticas da experiência social, o que permite compreender que o romance evidencia um deslocamento da centralidade da subjetividade de Eurídice, cujos projetos deixam de ser orientados por seus próprios gostos para serem progressivamente subordinados ao olhar do marido, transformando essa relação em uma imagem recorrente da assimetria que estrutura a vida conjugal.

Ao problematizar o paternalismo assistencialista e a família burguesa, expuseram o profundo androcentrismo da sociedade capitalista. Ao politizar “o pessoal”, expandiram os limites da contestação para além da distribuição socioeconômica – afim de incluir o trabalho doméstico, a sexualidade e a reprodução (Fraser, 2024, p. 15).

Nesse processo, Eurídice não abandona imediatamente seus interesses, mas passa a ajustá-los às exigências do cotidiano, reorganizando suas prioridades e restringindo progressivamente suas possibilidades de atuação. Essas adequações silenciosas evidenciam como o desejo individual é continuamente tensionado pelas demandas sociais, produzindo transformações que se manifestam não apenas nas ações da personagem, mas também na maneira como ela passa a perceber suas próprias possibilidades de existência.

A partir disso, observa-se que a contenção que atravessa a experiência da personagem não depende de mecanismos explícitos de proibição, mas se sustenta na internalização de normas que passam a orientar sua conduta. De acordo com Ahmed (2022), as normas de gênero orientam os corpos e delimitam as possibilidades de ação, fazendo com que determinados modos de existência sejam percebidos como naturais. Ao se incorporarem à sua percepção de mundo, essas normas reorganizam seus gestos, expectativas e formas de agir, fazendo com que a regulação opere de maneira difusa. Desse modo, o controle não se limita ao campo das ações, mas incide diretamente sobre a constituição de sua subjetividade.

Essa interiorização torna-se visível na maneira como Eurídice reorganiza sua relação com o próprio tempo e com o espaço que ocupa. O ambiente doméstico, frequentemente associado à estabilidade e ao pertencimento, revela-se como um espaço de regulação contínua, no qual se articulam afetos e mecanismos de controle. É nesse contexto que a rotina se consolida como estrutura organizadora da experiência, produzindo uma temporalidade marcada pela repetição e pela previsibilidade. Nesse movimento, a repetição não apenas limita suas possibilidades de ação, mas também redefine o horizonte do possível, tornando menos visíveis outras formas de existência.

Eurídice passou a sentar-se em seu posto menos para olhar o nada e mais para esperar a sensação chegar. A sensação chegava, e encontrava no silêncio o espaço para crescer. E foi assim que a sensação aumentou até ser vista por Eurídice, e Eurídice viu que a sensação era isso. A sensação era o dom de ver (Batalha, 2016, p. 163).

A partir dessa dinâmica, a articulação entre espaço doméstico e normatização evidencia que a contenção não se restringe a um conjunto de regras externas, mas se inscreve na própria organização da vida cotidiana. A relação entre as esferas doméstica e social torna perceptível a forma como as mulheres são continuamente interpeladas por expectativas que orientam seus comportamentos e delimitam seus campos de atuação. Nesse processo, a invisibilização não

decorre apenas da ausência de reconhecimento, mas da reorganização progressiva dos próprios desejos, que passam a se alinhar às exigências impostas.

Dessa forma, essa dinâmica permite compreender que o controle exercido sobre a personagem não se apresenta de maneira explícita, mas se manifesta como um regime de normalização que atravessa práticas, afetos e percepções. Trata-se de um controle que opera de forma silenciosa, mas eficaz, sustentado tanto por estruturas sociais mais amplas quanto pelas relações familiares que as reiteram. A interiorização dessas normas produz um sujeito que não apenas se submete, mas participa ativamente da própria contenção, na medida em que passa a reconhecer como legítimas as limitações que lhe são impostas.

Logo, sua trajetória não pode ser reduzida a uma narrativa de submissão passiva. Ao evidenciar o processo pelo qual a norma é incorporada e naturalizada, o romance torna visível a complexidade dos mecanismos que regulam a experiência feminina. A contenção, nesse contexto, não aparece como um estado fixo, mas como um processo em contínua construção, no qual se articulam desejo, adaptação e silenciamento. É justamente nessa dimensão processual que se revela a força da narrativa, ao expor não apenas as limitações impostas à personagem, mas as formas pelas quais essas limitações passam a constituir sua própria maneira de existir.

5 Guida e os limites da transgressão

Se a trajetória de Eurídice evidencia a contenção gradual do corpo feminino por meio da interiorização das normas sociais, a experiência de Guida, por sua vez, desloca essa lógica ao tornar visível a sexualidade como ponto de ruptura e, ao mesmo tempo, como fator que desencadeia processos de exclusão e punição simbólica. No romance *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, a personagem encarna uma forma distinta de vivência, marcada pela recusa em submeter seus desejos às expectativas familiares e sociais. Essa recusa, no entanto, não se traduz em autonomia plena, mas a insere em um percurso atravessado por marginalização e precariedade, evidenciando que a transgressão das normas de gênero não elimina os mecanismos de controle, mas os reconfigura.

Desde o início, Guida é construída como uma personagem que tensiona os modelos de feminilidade vigentes. Sua decisão de fugir com o companheiro e romper com a autoridade familiar configura um gesto que desloca as expectativas que orientam o comportamento feminino. Diferentemente de Eurídice, cuja trajetória se organiza a partir de ajustes progressivos

às normas sociais, Guida assume uma posição ativa diante de seus desejos, confrontando diretamente as estruturas que delimitam suas possibilidades de atuação. Esse confronto, contudo, não a situa fora dessas estruturas, mas a expõe de maneira mais intensa às formas de regulação que incidem sobre aqueles que delas se afastam.

Ver os pais tão vulneráveis fez Eurídice querer protegê-los. Achou que tinha que dar alegrias dobradas aos dois. Prometeu que nunca mais iria brigar com eles, como fez durante os dias rebeldes de flauta. Nunca, nunquinha ia se exilar da família, como Guida, nunca, nunquinha ia fazer algo que lhes trouxesse desgosto. Ela ia ser a melhor filha de todas, a menina exemplar [...] (Batalha, 2016, p. 72).

Essa ruptura, no entanto, não se desdobra em um processo de emancipação plena. Ao contrário, a narrativa evidencia que a sexualidade exercida fora dos limites socialmente legitimados torna-se um marcador de exclusão. Após ser abandonada pelo companheiro, Guida passa a enfrentar condições que revelam a precariedade associada às existências que escapam aos modelos tradicionais de família. A instabilidade econômica, a ausência de apoio familiar e a necessidade de reorganizar a própria vida em circunstâncias adversas não constituem apenas elementos circunstanciais, mas indicam a forma como determinadas experiências femininas são socialmente desamparadas.

Ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como Sujeito (Beauvoir, 1980b, p. 21).

Nesse contexto, o corpo feminino emerge como espaço privilegiado de regulação, especialmente no que diz respeito à sexualidade. Ao vivenciá-la fora do casamento, Guida passa a ocupar uma posição marcada por julgamentos morais que delimitam sua legitimidade social. A maternidade, nesse caso, intensifica esse processo ao inscrevê-la em um lugar de estigmatização, evidenciando que a experiência feminina continua sendo regulada por parâmetros que associam valor social à conformidade com modelos normativos. Essa dinâmica articula-se com a abordagem de Beauvoir, ao evidenciar que a construção da feminilidade está diretamente vinculada à limitação da autonomia.

Ao ser constantemente interpelada a se constituir em função do outro, a mulher tem sua liberdade restringida por um conjunto de expectativas que orientam seus modos de existir. No

caso de Guida, a tentativa de afirmar-se como sujeito de seus próprios desejos não encontra reconhecimento, mas aciona mecanismos que a reposicionam em um lugar de marginalidade. Além disso, sua trajetória explicita uma dimensão corporal distinta daquela observada em Eurídice. Se, nesta, o corpo se constitui como espaço de contenção e interiorização das normas, em Guida ele aparece como território simultâneo de afirmação e vulnerabilidade. Sua experiência é atravessada por deslocamentos constantes, dificuldades materiais e pela necessidade de reconstrução, evidenciando que a autonomia feminina, em contextos marcados por desigualdades de gênero, não se apresenta dissociada de processos de precarização.

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? (Beauvoir, 1980a, p. 23).

A maternidade, nesse sentido, assume um papel ambivalente. Ao mesmo tempo em que intensifica sua condição de vulnerabilidade, ao ampliar as demandas materiais e afetivas que recaem sobre a personagem, também aponta para a possibilidade de formas alternativas de organização familiar. Distante do modelo nuclear tradicional, sua experiência materna evidencia que outras configurações são possíveis, ainda que permaneçam atravessadas por dificuldades e pela ausência de reconhecimento social.

A trajetória de Guida permite, assim, compreender que o rompimento com as expectativas sociais não conduz necessariamente à autonomia, mas pode implicar a reorganização das formas de regulação que incidem sobre a experiência feminina. Ao afirmar seus desejos, a personagem não se coloca fora dessas estruturas, mas passa a enfrentá-las sob condições mais adversas. A sexualidade, nesse contexto, assume um caráter ambivalente, funcionando tanto como espaço de afirmação quanto como ponto de intensificação do controle. Desse modo, a narrativa evidencia que a transgressão não elimina os mecanismos de poder, mas os torna mais visíveis, ao expor as consequências que recaem sobre aqueles que não se conformam às normas estabelecidas. A experiência de Guida, longe de representar uma ruptura absoluta, revela a complexidade das dinâmicas que regulam a vida das mulheres, nas quais autonomia e vulnerabilidade se articulam de forma inseparável.

6 Interiorização e transgressão: configurações da invisibilidade

A contraposição entre Eurídice e Guida evidencia que, embora caminhem por trajetórias distintas, ambas são atravessadas por mecanismos que limitam suas possibilidades de existência. Enquanto Eurídice vivencia a contenção por meio da adaptação gradual às expectativas sociais, Guida experimenta a marginalização como consequência da ruptura com essas mesmas normas. Esses percursos, ainda que distintos, revelam que as estruturas patriarcais operam tanto pela interiorização silenciosa das regras quanto pela exclusão daquelas que as desafiam.

Desse modo, as experiências das personagens tornam perceptível que a invisibilidade feminina assume múltiplas configurações, manifestando-se tanto na contenção dos desejos quanto na marginalização social. O silêncio que atravessa essas trajetórias não se reduz à ausência de voz, mas constitui uma forma complexa de resposta às imposições sociais, oscilando entre resistência e adaptação. Nesse sentido, a narrativa expõe a tensão permanente entre a tentativa de afirmação subjetiva e a incorporação de papéis que não foram escolhidos, evidenciando como a experiência feminina é atravessada por processos que limitam sua inteligibilidade e reconhecimento.

Eurídice reconhecia na irmã a autoridade para todas as coisas. E, sua imaginação, o por aí mencionado por Guida continha lugares exóticos, pessoas diferentes, experiências únicas. Continha tudo aquilo que havia além dos muros da escola e da quitanda, único mundo conhecido por Eurídice (Batalha, 2016, p. 60).

No caso de Eurídice, o romance evidencia como sua singularidade é progressivamente diluída em favor da manutenção da ordem familiar e social. Ao ser interpelada pelas normas que definem o que é ser uma mulher ideal, a personagem passa a reorganizar seus desejos, deslocando suas aspirações para segundo plano. A invisibilidade constrói-se, assim, de forma gradual, por meio da adaptação às exigências da vida doméstica e da interiorização de expectativas que restringem suas possibilidades de atuação. Não se trata de imposições diretas, mas de uma dinâmica silenciosa que reduz seus espaços de autonomia e redefine seus horizontes de ação.

Por outro lado, a experiência de Guida evidencia uma forma distinta de invisibilização. Ao romper com as normas sociais, a personagem é deslocada para uma posição de marginalidade, na qual sua trajetória passa a ser marcada pela precariedade e pela ausência de

reconhecimento. Sua experiência explicita que a recusa em se conformar aos padrões estabelecidos não implica liberdade plena, mas pode resultar em novas formas de vulnerabilização, nas quais a busca por autonomia se dá sob condições adversas.

A dose extra custou a metade das economias. A segunda dose custou a outra metade. A terceira dose custou o colar com a medalha de Nossa Senhora que Guida nunca tirava do pescoço. A quarta dose custou Guida deitada sobre o tapete dos fundos da farmácia, com seu João resfolegando por cima (Batalha, 2016, p. 121).

Diferentemente da contenção vivenciada por Eurídice, a invisibilidade de Guida não se constrói pelo silenciamento progressivo, mas pelo afastamento dos espaços de pertencimento familiar e social. Sua trajetória evidencia que a transgressão também pode conduzir a formas de apagamento, nas quais a personagem passa a existir à margem das estruturas dominantes.

Assim, a narrativa demonstra que, independentemente do percurso adotado, ambas permanecem inseridas em dinâmicas que limitam suas possibilidades e reorganizam suas experiências. A invisibilidade feminina emerge, portanto, tanto da adaptação às expectativas sociais quanto da transgressão dessas normas, evidenciando a complexidade dos mecanismos que regulam essas trajetórias. Ao articular esses dois percursos, a obra torna visível a atuação de formas de controle que operam de maneira difusa, mas eficaz, delimitando espaços, comportamentos e modos de existência.

Considerações finais

Este artigo propôs-se a analisar *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha, com o objetivo de compreender como a experiência feminina é atravessada por dinâmicas que articulam corpo, cotidiano e invisibilidade. A análise evidenciou que tais processos não se configuram como eventos isolados, mas se constroem de forma gradual, por meio de práticas e expectativas que incidem sobre os modos de existência das personagens, reorganizando seus desejos e delimitando suas possibilidades de atuação.

No percurso de Eurídice, a invisibilidade se manifesta pela contenção progressiva e pela interiorização das normas sociais, que operam de maneira silenciosa ao restringir sua autonomia. Já a trajetória de Guida evidencia que a ruptura com essas normas não conduz à emancipação, mas a formas de exclusão e precarização, revelando que a transgressão também

permanece inscrita em estruturas de regulação. A articulação entre essas duas experiências permite compreender que a invisibilidade feminina não se reduz à ausência de reconhecimento, mas resulta de mecanismos que operam tanto pela adaptação quanto pela exclusão.

Desse modo, o romance evidencia que, independentemente do percurso adotado, persistem formas de controle que delimitam espaços, comportamentos e modos de existência. Por fim, a análise aponta que contenção e transgressão não se configuram como polos opostos, mas como dimensões complementares de um mesmo regime normativo, no qual a experiência feminina é continuamente atravessada por limites que se reconfiguram, sem, contudo, se dissiparem.

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores:
ANDRADE, Maria Clara Menezes. Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.
QUEIROZ, Carlos Eduardo Japiassú de. Conceitualização, Metodologia, Supervisão, Validação, Escrita - revisão e edição.

Referências

- AHMED, Sara. *Viver uma vida feminista*. Ubu Editora, 2022.
- BATALHA, Martha. *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a. Vol. I.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b. Vol. II.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam/Bodies that matter*. Sapere Aude, v. 6, n. 11, p. 12-16, 2015.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: a história da violência nas prisões*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. Publicado originalmente em 1975.
- FOUCAULT, Michel. *Sobre a sexualidade*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

HUPPES, Ivete. *Melodrama: O gênero e sua permanência*. 1. ed. São Paulo: Ateliê, 2000.

FRASER, Nancy. *Destinos do feminismo: do capitalismo administrado pelo Estado à crise neoliberal*. Boitempo Editorial, 2024.

THOMASSEAU, Jean-Marie. *O melodrama*. Tradução de Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.